

# Memórias e legado digital para além da vida: reflexões de jovens sobre manutenção de dados de usuários falecidos em redes sociais

Daniele Trevisan<sup>1</sup>, Luis Flávio Ferreira Monteiro<sup>2</sup>, Cristiano Maciel<sup>2-3</sup>

<sup>1</sup>Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC/MT) Cuiabá - MT - Brasil

<sup>2</sup>Instituto de Computação - Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) Cuiabá - MT - Brasil

<sup>3</sup>Instituto de Educação – Programa de Pós-graduação em Educação - Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) Cuiabá - MT - Brasil

daniele.tr@hotmail.com, luisflaviomont@gmail.com,  
cristiano.maciel@ufmt.br

**Abstract.** *From the new ways of weaving life, in a network, the next generations will be able to constitute different ways of dealing with the memories of the deceased from the digital legacy. In this bias, we propose as a general objective to understand the perception of young people about the maintenance of data of deceased users on social networks. Qualitative research was carried out using the participatory research methodology with young high school students from a public school. The data reveal that young people perceived the new ways of relating to the memories of deceased people, raising new reflections on memories and legacies beyond life.*

**Resumo.** *A partir das novas formas de tecer a vida, em rede, as próximas gerações poderão constituir diferentes formas de lidar com as memórias de falecidos a partir do legado digital. Neste viés, propomos como objetivo geral compreender a percepção de jovens sobre a manutenção de dados de usuários falecidos em redes sociais. A pesquisa qualitativa foi realizada por meio da metodologia de pesquisa participante com jovens, estudantes do ensino médio, de uma escola pública. Os dados revelam que os jovens perceberam as novas formas de nos relacionarmos com as lembranças de pessoas falecidas suscitando novas reflexões sobre memórias e legados para além da vida.*

## 1. INTRODUÇÃO

Ao longo da existência vamos convivendo e criando laços com inúmeras pessoas, nesse processo vamos tecendo nossa existência, nossa história. Nossos registros, por exemplo, antes guardados em fotografias expostas nos porta-retratos, nos álbuns de fotografias nas gavetas, hoje, com a emergência da cultura digital, se transformam em fotos digitais. Grande parte da nossa vida se tornou digital, vamos substituindo livros, documentos e outras informações que antes eram físicas para o formato digital. Hoje, ao criar contas de e-mail, perfis em redes sociais, utilizar aplicativos e registrar nossos arquivos na nuvem, constituímos uma grande quantidade de bens digitais. Existe um valor muito grande nesses dados, nesses rastros, que, pós-morte, podem constituir o nosso legado digital [Faria et al, 2017].

Embora não gostemos de pensar na finitude humana, em algum momento, vamos morrer. Neste momento, nossa presença física deixa de existir e permanecerão as lembranças que construímos. A morte também passou a estar presente na nossa vida digital. Encontramos diariamente a presença de pessoas falecidas em nossas redes sociais, que faleceram, mas seus rastros continuam nas publicações realizadas em vida. Conforme Ribeiro (2015), quando um usuário “morre no espaço real”, seu “corpo digital” continua circulando no ciberespaço.

Diante dessa ressignificação da morte em contexto de cultura digital em que as redes sociais, a partir dos memoriais digitais ou de usuários que continuam ativos na rede, é importante refletir se este espaço tem se constituído um espaço para manutenção do laço de interatividade dos usuários com as lembranças do usuário falecido, preservando a presença e lembrança de um sujeito ausente. Diante disso, apresentamos como problema de pesquisa: como os jovens refletem sobre a utilização de redes sociais enquanto espaço de manutenção dos dados digitais e interação com usuários falecidos?

Como objetivo de pesquisa, buscamos compreender a percepção de jovens sobre a manutenção de dados de usuários falecidos em redes sociais. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa com metodologia de pesquisa participante no qual utilizamos a técnica de roda de conversa para coleta de dados empíricos. A pesquisa foi realizada com 31 jovens estudantes do Ensino Médio de uma escola pública do Estado de XX.

O texto está organizado em três partes, antecedidas por esta introdução. Apresentamos o referencial teórico com os principais conceitos que embasam a pesquisa, na sequência apresentamos a metodologia, em seguida os resultados e suas análises. Para finalizar, apresentamos algumas considerações finais, tecidas, de forma a apontar os principais resultados, são relatados os limites da pesquisa, como também, apontadas vertentes para trabalhos futuros.

## **2. A MANUTENÇÃO DO LEGADO DIGITAL**

Conforme Leal (2018), a partir do avanço da internet ocorre uma remodelagem significativa nas formas de relações humanas, e existe uma projeção da identidade do indivíduo, “a identidade é ressignificada no meio digital, podendo associar-se a representações diversificadas, como uma fotografia, um nickname, uma página, um perfil de uma rede social, que caracterizam o indivíduo perante os demais”[Leal 2018]. Para Ribeiro (2015), “talvez, por isso, as tecnologias, tem sido utilizadas como um armazenamento de memória, um suporte que possibilite a presença do ausente, que personifique uma existência, um espaço, ou um tempo ido. Uma forma que possa prolongar a vida e amenizar a morte, essa nossa desconhecida”.

Ao mesmo tempo em que realizamos a projeção da nossa identidade, em muitas redes, ela não fica restrita a nós, podem ser compartilhadas com outros usuários, com os quais, criamos uma comunidade de interação online. Nessas comunidades, experiências são compartilhadas e podem ser deixados comentários, reações, curtidas, compartilhamentos, entre outros, que ocorrem a partir do contato dos demais usuários da rede com suas postagens. Logo, “de uma perspectiva sociológica, esses dados não apenas revelam informações sobre você, revela informações sobre como os outros percebem você.” [Carrol and Romano 2011]

A consolidação da noção de ciberespaço enquanto espaço comunicativo cotidiano tornou manifesta a necessidade de rever a dicotomia entre mundo real e mundo virtual. Com tantas mudanças também ocorrem uma reconstituição da natureza da

visibilidade da nossa vida, as mídias dicotomizam o público e o privado. “A visibilidade de indivíduos e ações é agora separada da partilha de um lugar comum e, portanto, dissociada das condições e limitações de uma interação face a face” [Thompson 2002].

É notório, após o falecimento de um usuário, a criação de uma espécie de “além digital”, onde os vivos podem oferecer aos mortos os “sufrágios contemporâneos”, uma imagem, um texto, um vídeo [Ribeiro 2015]. Para Rodrigues (2006), “os mortos não estão fora da circulação das mensagens humanas: a morte não corta os canais de comunicação com o morto embora imponha novos meios e novos códigos”.

Existem muitos perfis nas redes sociais que se tornaram “Fantasmáticos”. As pessoas morrem e os entes queridos não descobrem suas senhas. E os recados vão sendo recebidos normalmente como se nada houvesse acontecido, pessoas inclusive deixam recados de aniversário ao falecido. O contrário também é verdade. Pessoas morrem, mas ainda continuam “postando” porque pessoas amadas se apossam dos perfis para simbolicamente manter o morto “vivo” [Trevisan et al. 2021].

Sobre a transformação de perfis em memoriais, a Ajuda do Facebook (2021) indica que: “De acordo com nossa política, uma conta é transformada em memorial quando algum familiar ou amigo próximo da pessoa falecida nos avisa do ocorrido. [Facebook 2021]. A transformação do perfil em memorial ocorre a partir de solicitação através de um formulário [Facebook 2021]. Para que a conta possa ser gerenciada após a transformação em memorial, existe a necessidade de o usuário falecido ter indicado em vida um contato herdeiro. A definição do contato herdeiro é realizada pelo usuário nas configurações gerais da conta.

### **3. METODOLOGIA**

A pesquisa realizada é do tipo exploratória e está fundamentada na abordagem qualitativa [Denzin and Lincoln 2006]. A coleta de dados ocorreu por meio de pesquisa participante e como instrumento utilizamos encontros formativos sobre a temática [Brandão 1984]. Os encontros formativos se utilizaram de rodas de conversa, produções artísticas, recursos áudio visuais, dramatizações, entre outras estratégias formativas.

Todas as ações foram realizadas na Escola <blind>, escola pública da rede estadual de ensino do estado de <blind>, localizada no município de <blind> e contou com a participação de 31 estudantes matriculados no Ensino Médio desta instituição.

Para preservar a identidade dos estudantes são utilizados no texto nomes fictícios para denominá-los. Ressaltamos que todos os cuidados éticos em relação à pesquisa foram observados e estão em posse dos pesquisadores o consentimento e assentimento livre e esclarecido de todos os participantes. Este estudo faz parte de uma das ações do projeto de pesquisa <blind> que possui aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Área das Ciências Humanas e Sociais sob o número CAAE <blind>.

### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A discussão sobre a morte em contexto de cultura digital e as memórias deixadas pelos usuários em redes sociais, trazidas à baila na discussão, surgem a partir de reflexões pessoais em que os jovens apresentam relatos de experiências vivenciadas. O jovem Kellin faz um relato pessoal sobre o falecimento de sua ex-namorada, relatando que utilizava as redes para amenizar a saudade, olhando fotos e postagens. Entretanto, a família realizou a exclusão da conta do Facebook, deixando somente o Instagram, “A família excluiu o facebook dela, eu fiquei muito triste, eu entrava todo dia olhar as fotos

dela [...] me faz muito bem, eu também tenho fotos no celular. De sete dias na semana, em cinco eu entro para olhar, me dá muita saudade” (Kellin).

A jovem Yasmim concordou com o que foi colocado por Kellin, reafirmando que as redes sociais permitem aos amigos manter lembranças de quem faleceu “normalmente a pessoa que fica com as lembranças da pessoa que morreu é os pais, os amigos não tem nenhuma, mesmo não sendo um familiar, se tiver as redes sociais, vai ter uma lembrança de quem morreu”. A estudante Yasmim expressa em desenho essa sua percepção, reforçando o papel das redes sociais em manter um contato com a pessoa que faleceu (figura 1).

A partir da produção artística apresentada abaixo, produzida pela estudante Yasmim no transcorrer da realização da pesquisa, ela afirma que “A rede social faz manter o contato com a pessoa que morreu, faz a pessoa que perdeu o parente se sentir mais próxima dela, mesmo não tendo contato físico com ela ainda tem contato, ainda está próxima. Esse é o conceito”.



**Figura 1. Lembranças de falecidos nas redes e os laços de interação**

As reflexões realizadas, bem como, a imagem elaborada pela estudante, nos fazem perceber que novas subjetividades estão sendo construídas nesse processo. Conforme os estudantes, existem possibilidades que surgem com as redes sociais para vivenciar perdas e auxiliar no processo de luto, uma vez, que esses espaços permitem (re)encontrar o outro, mesmo que ele não esteja ali, mas, somente sua presença virtual, suas lembranças e suas memórias. Assim, reafirmamos a possibilidade de deixar nossa existência registrada no mundo, para que nossa memória possa nos transcender.

Os estudantes relataram sobre a forma como revivem as lembranças de seus antepassados, vejamos o relato de Nati “a minha vó morreu eu não conheço ela, só por celular, só por foto dela assim no Facebook tanto que eu sinto saudade dela assim tipo sem nem ter conhecido ela, só de conversar com ela e tudo mais. Eu entro no Facebook dela que ela tem, que não foi apagado, que tá lá, eu entro pra ver as fotos assim e tipo não tem outra forma nenhuma, pra mim assim, eu me sinto confortável de entrar, [...] então eu entro, olho as fotos da minha vó, feliz e tudo mais”.

A estudante Julia, traz uma reflexão sobre a forma como atualmente mantemos as lembranças, problematiza que suas fotos de criança estão espalhadas em dispositivos, e que diante da morte recente de seu pai, não possui registros para se lembrar dele. “Eh eu por exemplo eu não tenho praticamente quase nenhuma foto de quando eu era bebê ou quando era criança, assim, nenhuma, nenhuma, nada, nada, nada, é mais era mais em pendrive (Julia)”. Para a estudante, o lugar mais seguro para manter suas lembranças são as redes sociais, ela afirma “eu não penso em outro lugar seguro, eu só penso em rede

social porque querendo ou não eu não vou apagar nunca minha rede social e é uma coisa que todo mundo pode ter acesso meu perfil é público é aberto não é nada fechado assim então por exemplo se eu morrer amanhã qualquer pessoa pode ver minhas coisas”.

Outros estudantes argumentaram que a manutenção das lembranças pode para alguns trazer sentimentos de tristeza, entretanto, outros estudantes, afirmaram que são instrumentos para banir a saudade e a tristeza, sendo benéfica inclusive para a superação do luto. Para a estudante Aline “A gente não precisa ver o Facebook só como um muro de lamentação, como algo que seria triste. A gente pode também ficar pensando de uma forma onde a gente pode ter momentos felizes”. O estudante Felipe também afirma sobre a possibilidade de conforto para a família possibilitada pelas condolências registradas pelos usuários nesses espaços, afirmando “quando uma pessoa morre alguém vai lá na no Facebook e digita alguma coisa também não é só em conforto da pessoa que morreu, mas também no conforto da família. Às vezes a minha família gosta de ter uma oração lá de alguma coisa do tipo assim”.

Complementando tal perspectiva, apresentamos ainda, o relato da estudante Cibely que afirma “Não adianta você excluir como se aquela pessoa nunca tivesse existido. A existência dela vai continuar. Alguém vai se lembrar dela. Neste sentido, ponderamos que os perfis possuem valor para a história e para as famílias. Öhman e Watson (2019) evidenciam que os perfis do Facebook estão se tornando parte de nosso registro coletivo como espécie e podem ser inestimáveis para as gerações futuras. Os autores acreditam que uma abordagem de múltiplas partes interessadas (stakeholders) é a melhor maneira de fazer a curadoria desse vasto arquivo. Para os autores, os problemas éticos que permeiam o desenvolvimento desta solução requerem consideração cuidadosa, estando os avanços sob responsabilidade da indústria e de quem regulamente tais questões.

Rodrigues (2006) afirma que “O absurdo da finitude humana reside em parte no fato de que a morte física não basta para realizar a morte nas consciências. As lembranças daquele que morreu recentemente continuam sendo uma forma de sua presença no mundo. E essa presença só arrefece aos poucos, lentamente, por meio de uma série de dilaceramentos de que são vítimas os sobreviventes. A consciência não consegue pensar a morte como morto e por isso não pode se furtar a lhe atribuir uma certa vida. A morte definitiva não é determinada pela realidade natural mais que pelas instituições sociais: o defunto conserva ainda, por algum tempo, determinados poderes e direitos, mais ou menos duradouros segundo diferentes culturas”.

O estudante Bruno, afirma ser necessário pensar no luto das outras pessoas, segundo o estudante “Eu não ligo para minhas redes sociais, tanto faz, ficar ou apagar, mas eu penso mais nos outros, será que as pessoas gostariam disso?”. Neste sentido, a estudante Julia também ressalta a importância de pensar de forma geral, naqueles que ficam após a morte “Isso é uma coisa boa pra maioria entendeu? Então a gente tem que pensar no geral, pode ser que muitas pessoas que, por exemplo, não tem acesso a ir no cemitério quando precisam de conforto, pode entrar ver as fotos de um memorial em uma rede social, vai ser somente coisas boas e positivas. Tenho certeza que quem vai entrar e dar uma coisa positiva não vai ficar se lamentando uma coisa totalmente assim pro lado negativo, algo que vai pode ser uma tristeza, algo que pode ser um sentimento de qualquer sentimento que a pessoa tem no luto, mas eu acredito que num vai ser nada negativo.”

O estudante Tiago também afirma que o acesso é opcional, ficando a critério do usuário acessar as memórias ou não “A pessoa pode ter o perfil com as fotos, tipo um

memorial, se a pessoa não gosta de rever essas fotos, por que vai causar algo, o perfil é acessível, você entra ver as fotos se quiser. Se você não quiser você simplesmente não vai acessar. É como se fosse a caixa de foto, se eu quiser eu abro a caixa e vejo, se eu não quiser eu simplesmente deixo lá”

Os estudantes entraram em consenso de que as redes sociais são um espaço de memória, de eternizar sua presença, de mostrar o que você fez. Entretanto, concordaram que deveria haver respeito em quem pensa diferente, em quem gostaria que sua privacidade fosse mantida e suas fotos pessoais excluídas. Para Bruno, a volição é um aspecto importante “Eu acho que isso deveria ser mais trabalhado assim da gente realmente poder mostrar o que a gente quer em vida, falar realmente se deveria manter ou ser excluída que no meu caso eu gostaria que mantesse mas eu não sei, por exemplo, tipo assim, se eles iam querer que mantessem as deles e eu acho que a gente tem que trabalhar isso.” Diante disso, reafirmamos a necessidade de refletir sobre a morte e sobre os dados produzidos ao longo da vida.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A cultura digital na qual estamos envoltos oferece novos dilemas ao passo que nos apresenta novas possibilidades sistêmicas para a exploração de temas existenciais. Assim, as questões relativas às tecnologias digitais são questões sobre a existência humana. Para mudarmos a realidade que nos cerca é necessário que todos, usuários e projetistas, percebamos a finitude da vida. Nesse ponto, as interações sociais são primordiais para a aceitação da morte enquanto parte da vida. Em tempos digitais, deve-se refletir sobre o significado social dos objetos que manipulamos, atribuindo-lhes sentido nas interações. Espera-se que os estudos em tela possam ser úteis não só para exploração de necessidades sistêmicas, mas também para conscientizar projetistas e usuários para a premência da modelagem e/ou configuração da morte em softwares.

Por fim, cabe destacar que a análise realizada lança luz sobre as possibilidades e restrições do Facebook para a expressão e vivência do luto, trazendo reflexões, indicando possíveis recursos e questionando o modo como entendemos a interação em redes sociais quando o assunto é a morte, o luto e o legado digital.

## **Referencias**

- Brandão, C. (1984) Repensando a pesquisa participante. São Paulo. Brasiliense.
- Carrol, E. and Romano, J. (2011) Your Digital Afterlife: When Facebook, flickr and twitter are your estate, what’s your legacy? Berkeley: New Riders.
- Denzin, N. and Lincoln, Y. (2006) O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Tradução Sandra Regina Netz – Porto Alegre: Artmed, 2006.
- Faria, V., Maciel, C. and Arruda, N. (2017) “Uma Análise da Herança Digital no Mundo dos Jogos”, In: XVI Simpósio Brasileiro de Jogos e Entretenimento Digital, 2017, Curitiba.
- Facebook. (2021). “Help Facebook: Como faço para informar ao Facebook sobre o falecimento de uma pessoa ou sobre uma conta que precisa ser transformada em memorial?”
- Leal, L. (2018). Internet e morte do usuário: a necessária superação do paradigma da herança digital. Revista Brasileira de Direito Civil – RBDCivil | Belo Horizonte, v. 16, p. 181-197, abr./jun.

- Öhman, C. and Watson, D. W. (2019) “Are the dead taking over Facebook? A Big Data approach to the future of death online”. *Big Data & Society* 6.1.
- Ribeiro, R. (2015). *A morte midiaticizada: como as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida*. Rio de Janeiro: Eduff.
- Rodrigues, J. C. (2006) *Tabu da morte*. 2. ed. Coleção Antropologia e Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Thompson, J. B. (2002). *A Mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Trevisan, D. et al. (2021) “Perspectives on interaction with dead users' profiles on Facebook”, In: *IHC '21: XX Brazilian Symposium on Human Factors in Computing Systems, 2021, Virtual Event Brazil. Proceedings of the XX Brazilian Symposium on Human Factors in Computing Systems*.